

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUÇÃO
SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Amalia Flores (D.);—Antonio Fogaça;—Anthero Figueiredo;—Arthur Soares;—Branlio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmino Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Gonçalo Huet Bacellar;—Hippolito Maya;—João Penha;—José Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Solto-Mayor (D.);—Mariana Coelho (D.);—Nuno Rangel;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Teindade Coelho;—Teixeira Coelho;—Teixeira Lobato;—Vicente Novaes, etc., etc.

HISTORIA DAS RENDAS

HOJE, que a historia das rendas se vulgarizou a ponto de poder usal-as quem possuir algum dinheiro, ninguem duvida das inumeras perseguições de que foram victimas as primeiras pessoas que com ellas se adornaram.

Veneza, Flandres, Genova e a França disputam-se a prioridade da invenção d'estes elegantes tecidos a que sempre se deu um grande apreço.

O fabrico das rendas parece remontar ao seculo XV. Havia muitos annos que nas povoações das montanhas, pobres camponezas trabalhavam, durante a rigorosa estação do inverno, com os seus pequenos bilros, quando em 1547 uma lei sumptuaria veio arruinar esta industria.

Os reis, nas eras d'então, julgavam-se obrigados, de tempos a tempos, a lançar algum imposto contra o luxo, sempre crescente. Umas vezes faziam-o por exemplos devotos, outras, pelo desejo de abichar algumas multas de que precisavam para locupletar os seus cofres. Mas, na verdade o dizemos, jamais leis algumas foram, principalmente por parte do bello sexo, tão mal cumpridas, como as leis sumptuarias.

Deviam por tanto as rendas ter o seu quinhão de perseguições. A ordenação de 1547 só permittia o uso de rendas aos grandes senhores do reino e ás damas da mais alta gerarchia; e como os demais não se importassem com a ordenação, renovavam-se as mesmas prohibições e as mesmas ameaças de vinte em vinte, ou trinta e trinta annos.

Mas tudo isto mudou quando, ás rendas francezas, que estavam ainda quasi no estado rudimentar, vieram juntar-se os lindos pontos de Veneza e de Bruxellas, que começavam então a attingir a perfeição que têm em nossos dias.

O amor e o uso das rendas tornaram-se então em phrezezi, e os proprios homens se adornaram com ellas, trazendo-as, segundo se diz, nos calções e até nas botas.

Veiu depois, em 1629, um novo edito real que prohibia usar toda a qualidade de renda que não fosse fabricada em França cuja vara valesse mais de tres libras (francos). Os infractores eram ameaçados com a confiscação dos punhos, cabeções, etc., que se encontrassem em

suas pessoas, e ainda mais com uma pesada multa, que seria destribuida pelos pobres.

Mas, ai! esta ordenação teve a mesma sorte das precedentes, e o uso das rendas divulgou-se cada vez mais.

Em 1633, nova ordenação, prohibindo o uso das rendas que tivessem mais de dous dedos de largura. Fizeram-se as mais severas ameaças aos negociantes ou fabricantes que *ultrapassassem as medidas*.

Por fim, tantas supplicas e lamentações foram feitas pelos *dandys* e *coquettes* d'então, que Luiz XIV attendeu-os. Uma declaração de 27 de maio de 1661 acabou com a perseguição contra as rendas. Foi permittido a todos os francezes poder usal-as, sob a condicção de serem fabricadas no reino e que não excedessem a meio pé d'altura.

A partir d'esta epocha foi que, sendo ministro Colbert, as fabricas de rendas, principalmente as de Valenciennes e Alençon, adquiriram uma reputação europèa; e desde então os seus productos não se arreceiaram mais de competencia alguma.

Werther

MÃES E FILHOS

É infante desgraçado,
Quem da mãe desamparado
Vive alheio á educação!
—Em sendo em annos crescido,
Nem é filho, nem marido,
Nem é pae, nem cidadão!

Avulte embora em riquezas,
Sobre-saia nas grandezas,
Ninguem por firmes lh'as dá!
—Só nos *diclames do ensino*
Tem um thescuro divino,
Que ninguem lhe tirará!

Não vale no mundo nada,
Nem a testa coroada,
Se *virtudes* não nutrir!
—Quem der provas de gosal-as,
Quem se der a ensinal-as,
Tem as *benções* do porvir!

Para serem mães condignas
 Não fujam as mães benignas
 De seus filhos educar!
 —Sejam dos filhos as mestras
 Em doces, meigas palestras,
 No recinto do seu lar!

Dêem na prole à sociedade
 Amantes da liberdade,
 Como o seculo requer!
 —Reveja-se em cada filho,
 Do progresso no rebrilho,
 A mestra, a mãe, a mulher!

Ensinem ao filho caro,
 Que a mulher não tinha amparo
 No velho mundo pagão!
 —Quem a fez livre, foi CHRISTO:
 Pois digam aos filhos isto,
 Será sancta a educação!

Braga.

Pereira-Caldas.

VESTAL MODERNA

Eu sei que labio algum ainda ousou tocar-te,
 Oh Venus ideal, as rosas purpurinas.
 Tens o viço e o frescor das visões peregrinas
 Que desenhou Raphael—o semi-deus da Arte!

As antigas vestaes deviam de invejar-te;
 Tu és mais pura ainda. As auras matulinas
 Beijando, na alvorada, o orvalho das campinas
 Só podem das manhãs ao lyrio comparar-te.

E's bella! Ha no teu corpo um que da divindade,
 Que nos seduz e enleva, altiva magestade,
 Tornando mais intensa em nosso peito a lucta.

Mas, horrivel contraste! oh bella creatura!
 E's um mixto cruel de infernos e ventura:
 Teu corpo é virginal, tua alma é prostituta.

Villa Real

Vicente Novaes.

DESILLUSÃO (*)

«Não pôde ser! escrevia elle, tu queres ludi-
 «briar-me, experimentar a intensidade do
 «meu amor! Dizes que és obrigada a casar
 «com outro, que d'isso depende a salvação da
 «honra da familia. Louca! Não vês que é impos-
 «sível o existir sem a tua posse? E pedes-me pa-
 «ra que te esqueça, para que vá buscar n'outro
 «amor a felicidade que não podes dar-me... co-
 «mo se o coração recebesse ordens, como se a
 «tua imagem não suplantasse todas as outras!
 «Não esperes isso de mim. Se tens forças para
 «quebrares os teus juramentos, se tens animo
 «para esquecer os laços apaixonados que nos

(*) Do «Almanach das senhoras Porluenses» da exc.^{ma} sur.^a
 D. Albertina Paraizo, collaborado por escriptores distinctissimos. Preço
 210 reis. A venda na livraria dos srs. Lopes & C.^{as}—Rua do Almada,
 132—Porto.

«unem, pronuncia o sim fatal que nos separa pa-
 «ra sempre: assigna esse contracto que será o
 «prologo da minha desgraça, arrasta a tua opu-
 «lencia insultante, que, eu irei esconder a mi-
 «nha pobreza no fundo gelado de rasa sepultu-
 «ra! Mas antes quero ver-te uma ultima vez. Ao
 «dar da meia noite, perfida Zulmira, terás no-
 «ticias minhas. Aquelle que te amará além da
 «campa!

José Martins.

E ella relia tremendo aquella promessa que
 continha em si horrores d'uma ameaça sangren-
 ta, deixava-se vestir para a cerimonia como se
 fosse um authomato; de repente soltou um grito,
 o espelho reproduzia as suas feições! Achava-se
 pallida, d'essa pallidez assustadora que só a
 morte espalha no rosto das suas victimas; o
 vestido branco desenhava-lhe as formas como a
 tunica d'um estatua grega, ou a mortalha d'uma
 virgem; os labios descorados tremiam n'um an-
 ceio febril, emquanto os olhos significavam o
 horror d'um perigo invisivel!

As salas illuminavam-se, as flores espalha-
 vam os seus perfumes, a orchestra retumbava
 n'um hymno festival. A familia da noiva recebia
 os convidados apresentando-lhes o noivo millio-
 nario. O tabellião e as testemunhas chegaram, leu-
 se o contracto; o pae foi buscar a filha que tre-
 mendo mal poudé assignar o seu nome.

O baile principiou; o noivo dançava com a
 sua futura esposa a primeira contradansa: se-
 guia-se uma walsa. No relógio faltavam cinco mi-
 nutos para a meia noite. Zulmira olhava esses
 ponteiros que iam marcar a hora terrivel. A or-
 chestra deu o signal, ella não queria ver a pen-
 dula que marchava com a impassibilidade do
 carrasco; o noivo cingindo-lhe a cintura volteja-
 va radioso da sua felicidade. Meia noite soou, e
 cada pancada repercutia-se no coração da noiva
 como o dobre de finados; procurou a medo por
 entre a multidão o phantasma que lhe promettera
 a sua visita, e lá estava cambaleante comprimido
 o peito como se tivesse recebido uma punhalada;
 o millionario conduziu a sua dama quasi des-
 maiada a uma cadeira, mas atraz d'ella desenha-
 va-se a figura extraordinaria do rival convidado
 com o gesto a infiel a dansar com elle. Zulmira
 atirou-se-lhe aos braços, e lá foram n'um rodo-
 pio crescente!

As luzes desappareciam, as flores murcha-
 vam, a orchestra ouvia-se distante, e o amante
 por lá ia arrebatado n'uma nuvem cor de rosa:
 ella sentia-lhe palpitar o coração, affagar-lhe o
 rosto os cabellos d'elle,—em logar do tecto, des-
 cobriam a immensidade do azul, e milhares d'an-
 jos desciam a recebel-os; sentiam-se cada vez
 mais presos no amoroso amplexo, as mãos entre-
 laçadas, os labios unidos n'um ardente beijo!
 Zulmira n'este momento sentiu-se agarrada por
 mão invisivel, e soltando um grito abriu os olhos.

—O' menina! olhe que ia entornando o leite
 quente por causa da tosse—disse a creada apre-
 sentando-lhe a chavena, emquanto Zulmira esfrega-
 ndo os olhos e sentando-se na cama, pergun-
 tava:

—Então eu não ia para o céu com o José
 Martins?

—Eu sei lá, menina — respondeu a serva — se ia para o céu; para o escriptorio passou elle agora, que o vi eu da janella.

—Então foi sonho! — murmurou a menina tomando o leite — Que pena!

Porto 1 de Junho de 1885.

Emilia Eduarda.

CAMELIAS

(Ao meu amigo Carlos Braga)

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas;
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

J. Penha.

Eu tenho duas camelias,
Brilhantes como crystaes;
Com aromas sensuaes,
Fascinantes como Ophelias.

Uma é pallida e esguia,
Tem sorrisos meigos, candidos,
Tem olhares muito languidos...
E é bella como o dia.

E' uma joia encastoadada
N'uma flor de jaspe fino,
Com um seio alabastrino
E o mimo d'uma balada.

A outra — a mais pequenita —
Tão doce como um affago,
E' mansinha como um lago
E uma linda morenita.

Faz-me lembrar uma fada,
Um canto nocturno, um sonho;
Aquella olhar tão risonho
Aquella face crestada,

Que me dá caricias quentes
Como as d'uma essencia cara,
Quando a minha bocca para
Nos seus labios indolentes...

Essas perolas sagradas,
Que me adoram como um deus,
Têm balsamos dos ceus
Para as magoas suffocadas...

E vão com arte adoravel,
Disfarçando essa paixão,
Como quem do coração
Faz um sacrario inviolavel...

Eu tenho duas camelias,
Brilhantes como crystaes;
Com aromas sensuaes,
Fascinantes como Ophelias.

Sabrosa — 84.

Teixeira Coelho.

UMA VISITA DO DIABO

TRAÇOS A BISTURI

(Continuado do n.º 5)

O DIABO dormiu pouco. Acabava apenas de se recolher á cama, quando sentiu bater á porta da rua. Vestiu-se á pressa e veio verificar quem era o importuno que vinha perturbar-lhe o socego.

Deu de cara com um individuo de chapéu á marialva, seguido de uma comitiva de galopins.

—Pretendem alguma cousa? — perguntou o diabo cortezmente.

O que parecia ser chefe da troupe descobriu-se, e todos os companheiros o imitaram. Depois o do chapéu á marialva adiantou-se:

—Desculpe se vim importunal-o. O negocio é tão sério que não pôde reservar-se nem adiar-se. Desculpe, pois...

—Oh, meu caro senhor!

E o diabo tossiu para disfarçar o que quer que fosse.

O chefe do grupo nocturno continuou:

—Trata-se nada mais, nada menos, do que de um negocio que interessa a toda a cidade, a todo o concelho... que digo? a todo o districto, a toda a provincia, a todo o reino, a toda a peninsula, a toda a Europa, a todas as terras do mundo, d'aquem e d'alem-mar, emfim...

O diabo tossiu novamente e levou a mão á bocca, que se lhe abria escancaradamente.

—Como sabe — continuou o chefe — eu sou um homem importante...

O diabo segredou aos seus botões: «já vejo que em Braga impera a modestia». E disse ao seu interlocutor:

—Queira continuar.

—Os grandes melhoramentos de Braga, ruas direitas como um retorcido chifre, etc., etc., deve-se tudo a mim. Sou um homem que tenho aqui feito epocha, creia!

O diabo abriu novamente a bocca e tossiu novamente para esconder o seu enfado. No entanto disse para o chefe:

—Mas, cavalheiro, o senhor esquece-se de que está uma noite fria e que não posso expor-me a apanhar aqui uma constipação.

—Eu vou ser breve. O motivo que aqui me traz é uma eleição. Tenho um empenho grande em vencel-a, porque d'ella depende o ficar este concelho privado d'um homem importante como eu, ou poder utilizar-se da minha grande influencia. Porque, meu caro senhor, se eu vencer a eleição, heide fazer grandes serviços, grandes! a esta cidade; mas se a perder, então recolher-me-hei á privada...

—O snr. é recolher-se á privada?!

—A' vida privada, sim. Não me importarei de politica. E' por isso que venho...

—... Que vem?

—Que venho pedir-lhe o seu voto.

—Ah! sinto não o poder servir: eu não sou d'aqui. Veja o meu passaporte...

E apresentou-lhe um passaporte passado na estação extrema do Inferno para Braga.

A troupe despediu-se e o diabo recolheu-se

novamente á cama, rindo como um perdido.

Estava proximo a adormecer, quando de novo lhe batem á porta.

—Estou a escamar-me com estes massadores!—vociferou o nosso heroe.

Abriu uma janella e perguntou azedado:

—Quem está ahí?

—Desejamos fallar-lhe. E' negocio de urgencia. Póde fazer o favor de vir aqui?

—E' impossivel. Estou em trajos menores, e já estou meio constipado.

Dizendo isto, o diabo soltou um espirro que fez tremer a nova *troupe*, commandada por um typo gordo, que tirava o chapéu repetidas vezes, e enclinava a espinha até juntar quasi a cabeça com os pés.

O novo chefe, tornou:

—Visto isso, não lhe queremos dar encommodo. O snr. já está compromettido?

—Compromettido! eu?

—Quero dizer se já prometteu o seu voto...

—Oh, senhores! não lhes disse eu já, que cheguei aqui ainda hontem? Sou estrangeiro...

—Não sabiamos!

—Como? não lhes disse eu isso ainda ha poucos minutos?

—Não eramos nós, senhor, desculpe. Então havia de ser a *troupe* dos dissidentes. Marotos! cães! já espiolharam tudo! E o grande homem, o terror dos patifes, em vias de ser derrotado!

E o chefe fez uma demorada cortezia ao diabo, que fechou a janella, regougando:

—Ainda virá outro? Eu lhe saberei responder que bata com a testa.

D'ahi a pouco dormia o somno bom dos anjos... maus.

(Continúa.)

Albano Coelho.

* * *

Se ás vezes vou encontral-a
Debruçada na janella,
Emmudeço... perco a falla,
Fico extatico para ella...!!

Porque é tão meiga e tão bella,
Que a minh'alma geme, estala,
Como se fôra procella
Que viesse atormental-a!

Serão seus olhos tão bellos,
C'os voveres singellos
Que attrahem meu coração,

Levando-me a ver os anjos,
A comparal-a aos archanjos
—Se existe comparação?...!

Braga—85.

Arthur Villaça.

EPIGRAMMA

DELICADA prenda d'ouro
D'esse momento acabada,
Correu a levar gostoso
Certo amante á sua amada.

Diz-lhe que o habil artista
Em graval-a se esmerou;
Notou-lhe um milhão de graças
Mil bellezas lhe notou.

Torna-lhe a dama, sorrindo:

“Ora! que importa a belleza?”

“Diga-me, lindo feitiço,

“Este traste quanto peza?...”

(???)

CALINADAS

ENTRE um professor de commercio, e um seu amigo:

—Sabes que sempre consegui arranjar, pelos annuncios que mandei publicar, um certo numero de alumnos para o curso?

—Sim? bravo!... vaes afinal ter ensejo de ensinar a fazer uma... partida.

X

Por occasião das eleições em França:

—O snr. não vota pelos radicaes?

—Como negociante de bois, nunca!

—Porque?

—Os seus cartazes vermelhos espantaram-me os animaes!

X

N'uma reunião socialista.

Um candidato: — Eu sou pela separação da Igreja e do Estado...

Todos os cidadãos, salvo uma voz: — Bravo! bravo!

A voz recalcitrante: — Não! a separação é um erro!

Todos se apoderam de rewolveres para castigar o rebelde, que continúa:

—A separação não é já usada; quero o divorcio da Igreja e do Estado...

LOGOGRIPO

[A A. Infante]

É subtil, é delicada — 3, 1, 5, 4.

E infunde crenças, até; — 3, 7

Nome vulgar, e mais nada; — 4, 2, 5, 4

E' um fructo, lá isso é. — 2, 4, 3, 7

Adorna, aperta e enleia — 3, 1, 6, 4

Certo tecido, que aceia. — 6, 4, 3, 7, 6, 4

Com lagrimas e sorrisos

Paga as caricias d'amor;

Pode inda empolgar um throno:

O seu todo é encantador.

Marianna Coelho.

NOVISSIMAS

1.º — Na Albania — aperta — o nome de um meu amigo — 2 — 1.

2.º — Não é boa — e desdenha — este nome — que é um nome bonito — 1 — 1 — 2.

3.º — Esta conjuncção — este termo mathematico — e esta herba — é d'uma ironia temivel — 1 — 1 — 2.

4.º — Esta igreja — é parenta — e corre — na *Abelha* — 1 — 2 — 2.

Christo-Vão.

Decifração do *logogripho* do n.º antecedente: *Hildebrando*. Das charadas *novissimas*: 1.º *Touca-dor*; 2.º *Mata-douro*; 3.º *Ave-lã*; 4.º *Sol-fã*.